

## As Coberturas da Morte de Senna e da Queda do Avião da Chapecoense na Rede Globo: Reflexões A Partir dos Mediadores<sup>1</sup>

The Coverage of Senna's Death and The Fall of Chapecoense's Plane in Rede Globo: Reflections From The Mediators

Vernihu Oswaldo Perira Neto<sup>2</sup>  
Michele Negrini<sup>3</sup>

**Resumo:** A morte é um tema complexo e que, em muitos casos, ganha destacado espaço nos meios de comunicação, como a televisão. Tratando-se do falecimento de pessoas conhecidas e com retrospecto entre o público, a TV geralmente realiza grandes coberturas. O presente artigo tem a intenção de analisar a importância dos mediadores para coberturas de tragédias na televisão. Os casos observados são: a morte do piloto Ayrton Senna e a queda do avião da equipe de futebol Chapecoense, que vitimou 71 pessoas. A partir dos modos de endereçamento, analisaremos as posturas dos mediadores, que trabalharam nos programas da Rede Globo, nos dois casos. Vinte e dois anos separam as duas tragédias, a tecnologia evoluiu muito, mas nesse tipo de cobertura, a presença do jornalista é um fator diferencial.

**Palavras-chave:** coberturas de tragédias; Ayrton Senna; Chapecoense; Mediadores; Modos de Endereçamento.

---

<sup>1</sup> Versão inicial deste trabalho foi apresentada no Intercom 2017.

<sup>2</sup> Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: [vernihu.pereira.oswaldo@gmail.com](mailto:vernihu.pereira.oswaldo@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-doutora pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), junto ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele) e do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC). E-mail: [mmnegrini@yahoo.com.br](mailto:mmnegrini@yahoo.com.br).

**Abstract:** Death is a complex subject and in many cases it gains prominent space in the media, such as television. In the case of the passing of well-known people and with hindsight among the public, the TV generally makes great coverages. The present article intends to analyze the importance of mediators for coverage of tragedies in television. The cases observed are: the death of the pilot Ayrton Senna and the fall of the airplane of the soccer team Chapecoense, that victimized 71 people. From the addressing modes, we will analyze the positions of the mediators, who worked on Rede Globo programs, in both cases. Twenty-two years separate the two tragedies, technology has evolved a lot, but in this type of coverage, the journalist's presence is a differential factor.

**Keywords:** tragedy cover; Ayrton Senna; Chapecoense; Mediators; Addressing Modes.

## Introdução

Fim da ditadura militar (1985). O presidente morre dias antes da posse. Inflação altíssima. O futuro não parece nem um pouco promissor em terras tupiniquins. No futebol, fonte de alegrias inesgotáveis, decepções em cima de decepções. Eis que surge um brasileiro, franzino, de olhar profundo. Chama a atenção do mundo inteiro e no auge de seu desempenho levanta a bandeira verde e amarela. Mostra ao povo brasileiro que é possível. Que os brasileiros podem chegar ao alto do pódio. Ayrton Senna da Silva, nome mais brasileiro impossível. Aquele homem que fazia um país inteiro acordar cedo aos domingos só para ver aquele paulista que deu certo, só para sentir aquele orgulho que parecia distante, aquele orgulho contado por pais e avós, finalmente aquela sofrida geração podia sorrir.

Fittipaldi e Piquet também foram campeões, mas não tinham o carisma de Senna. No dia 1º de maio de 1994, Ayrton mais uma vez uniu o país, mas dessa vez seria na tristeza. Uma aura pesada pairava sobre o autodrómo de Imola naquele primeiro de maio de 1994: o brasileiro Rubens Barrichello sofreu um grave acidente no treino de sexta-feira, e o

austríaco Roland Ratzenberger faleceu em acidente no sábado. Logo na largada da corrida, o português Pedro Lamy bateu forte contra o carro de J.J. Lehto e, logo em seguida à relargada, Ayrton Senna da Silva passou reto na famosa curva Tamburello e dali só saíam lágrimas dos olhos dos brasileiros.

Impeachment. Prisões de políticos. Queda de Ministros. Vinte anos depois, o país estava novamente sem perspectiva de futuro. E, novamente, era do esporte que vinham as poucas alegrias deste povo. E um pequeno time catarinense seria o representante brasileiro no final de uma competição internacional. A simpática Chapecoense conquistou a torcida do país todo ao chegar à final da copa Sul-Americana, o pequenino time catarinense estava em meio a gigantes. Jogadores que tinham passagens por grandes times se juntavam ali para formar o maior esquadrão de suas vidas. Mas o destino, aquele velho crupiê, quis que fosse diferente, quis que os brasileiros chorassem, não pelas conquistas, mas pelas perdas. O avião da LaMia que levava os jogadores para o jogo final da copa sul-americana na Colômbia ficou sem combustível e produziu uma das maiores tragédias do mundo esportivo em toda a história e a maior da imprensa brasileira, matando 71 pessoas, entre elas 47 funcionários da Chapecoense - entre diretoria, comissão técnica e jogadores, 20 jornalistas e 7 membros da tripulação. Sobreviveram três jogadores, um jornalista e dois membros da tripulação.

As duas tragédias marcaram a história do jornalismo brasileiro. Vinte e dois anos separam a morte de Senna da queda do avião da Chapecoense. Nesse tempo, a tecnologia muito mudou, mas a complexidade desse tipo de transmissão está nas mãos dos profissionais de imprensa: apresentadores, jornalistas, narradores, comentaristas, cinegrafistas, editores. Alguns profissionais foram os responsáveis por trabalhar na cobertura das duas tragédias. Como por exemplo, Galvão Bueno e Roberto Cabrini. Na Rede Globo de Televisão, ambas as coberturas tiveram grande espaço nas grades de programação. Em 1994, coube

a Cid Moreira, da bancada do Jornal Nacional, noticiar a morte de Ayrton Senna. Em 2016, Heraldo Pereira teve responsabilidade parecida.

No Brasil, alguns telejornais já fazem parte da cultura e da rotina da população. O famoso “boa noite” de William Bonner é respondido por milhares de pessoas todos os dias. A televisão leva esportistas e artistas para dentro das casas e, ali, com aquela convivência sempre com dia marcado, aqueles ídolos passam a ser parte de milhares famílias. Suas mortes, principalmente as em grandes tragédias, deixam milhares em lágrimas como se tivessem perdido familiares. Estudos sobre tais pontos são necessários, pois analisam uma parte importante da cultura brasileira. O povo brasileiro tende a buscar heróis, especialmente em momentos de crise. Assim, quando um deles nos deixa, especialmente se for de forma trágica, todo o país chora.

A partir da significação das tragédias no contexto brasileiro, este artigo tem como objetivo analisar como os diversos profissionais mediarão as duas tragédias, seja com programas especiais ou em seus noticiários regulares, como o Jornal Nacional ou o Fantástico. Tendo como foco as coberturas da Rede Globo e dos canais Sportv (afiliados à rede Globo), o estudo terá como suporte teórico-metodológico os modos de endereçamento. Como objetos para análise, utilizaremos trechos de diversos programas da grade horária da Tv Globo e dos canais Sportv. Programas esportivos, telejornais e até programas de entretenimento que tenham feito coberturas sobre os casos.

## **1. O Telejornalismo e a Cobertura de Tragédias**

Cobertura. Uma palavra, muitos sentidos. O dicionário de língua portuguesa Aurélio nos traz onze significados diferentes para esta palavra. Em temas tão variados quanto jornalismo, vinhos, ferraduras ou capas de livro. O lugar comum entre eles é a proteção e

a união. Cobertura é algo que protege e que une. Para o jornalismo, o dicionário (2010) diz que cobertura está relacionada à realização de diversas reportagens sobre um determinado acontecimento. Ou seja, a união de todas as informações sobre determinado assunto.

Os pesquisadores Cárilda Emerim e Antônio Brasil (2011, p.4) nos dizem que cobertura é: “o trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado”. Para os eles, existem grandes e pequenas coberturas. Porém, a cobertura de grandes tragédias é o ápice de qualquer tipo de jornalismo, especialmente o televisivo.

Em tempo, tragédias ou desastres é o grande momento de qualquer tipo de jornalismo, ainda mais na tevê. Muito embora, na atualidade, “a moda” seja explicar aos telespectadores os processos técnicos que a televisão opera para transmitir as atrações que oferece. (...) A definição da terminologia transmissão direta, em tempo real e simultâneo à sua ocorrência foi apresentada por Elizabeth Bastos Duarte, no livro *Televisão: ensaios metodológicos*, de 2004 e refere-se àquele tipo de transmissão dos acontecimentos que se dá ao vivo, sem cortes e em tempo real, ou seja, com exibição em tempo simultâneo à ocorrência do acontecimento (EMERIM; BRASIL, 2011, p. 4).

A cobertura de tragédia nos traz uma dificuldade extra já que não se pode prever quando irá acontecer, diferentemente de outras grandes coberturas, como posse de presidentes ou grandes vitórias esportivas. Sendo assim, um dos principais traços a se observar é o imprevisto. No caso de Ayrton Senna, seu acidente ocorreu durante uma corrida. Os profissionais que ali estavam para cobrir a corrida foram pegos de surpresa e tiveram que refazer toda sua programação e atuação perante o novo desafio que lhes era imposto. O narrador Galvão Bueno precisou, por algumas vezes, trocar de papel com o comentarista Reginaldo Leme para conseguir manter a transmissão. Já que, além de trabalhar com Fórmula 1 há anos, era amigo pessoal de Senna. No caso da queda do avião da Chapecoense, o repórter Fernando Saraiva, do Sportv, entrou ao vivo às 4h10 da manhã,

interrompendo a programação do canal, e continuou até perto das 8h dando informações sobre o acidente e conversando com a repórter Livia Laranjeira, que esperava a delegação no aeroporto no momento em que ocorreu a tragédia.

Émellem Veleda da Rosa nos diz que:

Na concepção de Emerin e Brasil (2011), as grandes coberturas, geralmente, são compostas por fatos que promovem interesse nas pessoas, e mexem com a rotina social. Neste contexto, as tragédias geralmente ganham espaço na mídia, sendo tema de grandes coberturas. As tragédias mexem com questões como a desestabilização da ordem social de forma imprevisível e irreversível. Segundo Luna (2005), a tragédia é um tema que garante altos índices de audiência nos meios de comunicação por ser um tema que intriga a sociedade (2015, p. 22).

A morte é um assunto que mexe com o imaginário coletivo. Na literatura, ela é contemplada de diversas formas. É um tema que desperta o interesse das pessoas, ainda mais quando um grande ídolo morre, ou quando uma grande tragédia ocorre. A busca por informação e o período até a aceitação instigam as pessoas a acompanharem coberturas de tragédias.

## **A morte como início**

O jornalista e escritor Pedro Bial, em sua crônica “Morte”, nos diz que “a morte é o ridículo da vida”. Mas essa consciência sobre a morte é o que nos faz humanos. A vida só tem sentido porque tem fim, a morte é uma parte imprescindível à vida.

Nelson Rodrigues (1997, p.110), jornalista e cronista, definiu a morte de forma simples: “A morte é anterior a si mesma. Começa antes, muito antes. É todo um lento, suave, maravilhoso processo. O sujeito já começou a morrer e não sabe.”

O ator, diretor e escritor José Wilker discute o papel do “herói” e o tamanho da lacuna que ele deixa ao morrer:

Alguém disse: Infeliz do povo que precisa de heróis. Nós somos um povo que precisa de heróis cada vitória do Ayrton Senna era uma vitória nossa, de cada um de nós, um povo que vem sendo constantemente derrotado e agredido pela irresponsabilidade de uns e pela imunidade de outros.<sup>4</sup>

Para o telejornalismo, as mortes de pessoas famosas recebem mais destaque, mortes de pessoas comuns geralmente só conseguem destaque se acontecerem em circunstâncias especiais, como grandes tragédias naturais, quedas de aviões, naufrágios, etc. Segundo Barbosa (2004), são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos das cerimônias da televisão. Nelson Rodrigues (1997, p. 110) compartilha da ideia de Barbosa:

A morte natural é própria dos medíocres. O medíocre tem de fazer uma força tremenda para morrer tragicamente. Ele morre de gripe, de pneumonia ou da empada que matou o guarda. Já o grande homem sempre morre tragicamente. Veja o caso de Lincoln, de Gandhi, de Kennedy.

Galvão Bueno, em seu livro autobiográfico, fala em “sequência natural da vida”:

Aprendi uma lição nesses anos todos que tenho de Fórmula 1: que o show não pode parar, que a vida vai se reciclando. No dia, no exato dia em que Gilles Villeneuve, que era um gênio – de uma Fórmula 1, mas um gênio de talento, de arte, um showman – morreu, naquele dia eu conheci um garoto pequenininho, magrelinho, orelhudo, que se apresentou como “da Silva” e se transformou no maior piloto de todos os tempos, na minha modesta opinião. Essa é a sequência natural da vida. (2015, p.186)

---

<sup>4</sup> Dito em entrevista a Fausto Silva, durante o programa “Domingão do Faustão” no dia 1º de maio de 1994.

Na literatura, temos inúmeros autores que tratam a morte. Grandes mestres mundiais, sejam escritores ou filósofos, estudam e escrevem sobre a morte. Alguns utilizam argumentos baseados na espiritualidade, outros buscam razões físicas para explicá-la, mas a todos cabe a dúvida e o desejo de entender o porquê da vida chegar ao fim.

## **2. Suporte teórico metodológico: os modos de endereçamento**

O conceito de modos de endereçamento surgiu com as análises de filmes. Dentro do contexto do telejornalismo, eles são aplicados na análise da forma como os telejornais se relacionam com o espectador. Segundo os autores Morley e Brunsdon (*apud* GOMES, 1999), modo de endereçamento é a forma como cada programa estabelece um vínculo com o seu espectador.

O teórico Daniel Chandler (*apud* GOMES, 2011) diz que a forma como nos relacionamos com as imagens depende de nossa bagagem social e histórica, momento e local em que vivemos.

A perspectiva é um código pictórico que apenas nos parece como “natural” em razão de estarmos social e historicamente a “ler” as imagens de acordo com ele. E esse código nos posiciona fisicamente de um determinado modo em relação às imagens (2011, p. 35).

A forma como cada um irá olhar uma mesma imagem pode variar muito. A cada um o seu totem (SILVA, 2014).

Em uma cobertura sobre velório, por exemplo, temos uma grande variação na forma como cada cultura trata a morte. Para culturas pré-hispânicas, como a mexicana, a morte, o culto aos mortos, é motivo de festa. Lembram-se os mortos e suas qualidades, seus gostos e sua



alegria. No dia dos mortos (dois de novembro), as famílias vão aos cemitérios com comidas, bebidas e músicas para celebrar seus mortos. Nas palavras de Octavio Paz (único prêmio Nobel de literatura mexicano): “Nosso culto à morte é um culto à vida” (1950). Dentro desse contexto, se os meios tratarem a morte de forma pesarosa, lenta e nebulosa não seria bem recebido pela população. Já em países como o Brasil, onde a dor da perda e a antecipação da saudade são a síntese de velórios, noticiá-los com músicas, ou clima festivo poderia ser considerado, pela população, uma ofensa.

Daniel Chandler em seu livro “Semiótica para iniciantes” nos diz que cada pessoa lê um código usando a forma que está acostumada. O autor exemplifica isso citando a escrita que em países ocidentais é lida da esquerda para a direita, já em alguns países orientais como a China e o Japão é feita ao contrário. A cada um a sua cultura, a cada um o seu modo de ver o mundo.

Chandler (*apud* GOMES, 2011) diz que os modos de endereçamento dão uma nova forma de ver e sentir os signos, uma nova lente. Se uma obra do período renascentista for mostrada sem nenhum contexto, cada pessoa fará uma leitura, mas se o contexto for explicado e a história do autor apresentada, a leitura daquela obra terá um maior embasamento e será mais válida do ponto de vista teórico.

Considerando a complexidade do jornalismo televisivo, ferramentas como a análise do discurso e dos signos mostram-se insuficientes em alguns casos. Perante isso, Gomes (2007) descreve quatro operadores de análise dos modos de endereçamento: 1- o mediador; 2- o contexto comunicativo; 3- o pacto sobre o papel do jornalismo; 4 - organização temática. Para fins do presente artigo, daremos foco nos mediadores.

## **2.1. O mediador**

Apesar de todos os aparatos técnicos e de toda a tecnologia presente no processo comunicacional, cabe aos mediadores o papel mais importante e mais complexo. Especialmente em coberturas de momentos extremos, sejam eles de alegria ou de dor.

Dentre os diversos mediadores que podemos citar estão os editores, apresentadores, comentaristas, cinegrafistas e repórteres. Gomes (2007) coloca a cargo do apresentador a identidade do telejornal e a ligação entre programas-espectador.

Mas o modo de endereçamento diz respeito também aos vínculos que cada um dos mediadores (âncoras, comentaristas, correspondentes, repórteres) estabelece com o telespectador no interior no programa e ao longo da sua história dentro do campo, à familiaridade que constrói através da veiculação diária/semanal do programa, à credibilidade que constrói no interior do campo midiático e que “carrega” para o programa, ao modo como os programas constroem a credibilidade dos seus profissionais e legitimam os papéis por eles desempenhados (GOMES, 2007, p24).

Mesmo em programas reconhecidos, como o Esporte Espetacular ou o Jornal Nacional, os mediadores, no caso apresentadores, determinam como será o contato com o público. Figuras marcantes como Cid Moreira e William Bonner têm leituras diferentes do mundo, sendo assim, trabalham de forma distinta mesmo quando em coberturas de pautas semelhantes, como os velórios de Senna e da Chapecoense. Outro mediador, como o apresentador Fausto Silva, reservou parte de seu programa para noticiar e comentar ambos os acidentes. Repórteres, cinegrafistas, narradores e comentaristas que trabalharam diretamente com as tragédias como, Reginaldo Leme, no caso Senna, e Lívia Laranjeira no caso Chapecoense. Ou então, Galvão Bueno e Roberto Cabrini, que trabalharam em ambos os casos, também podem ser elencados como mediadores.

## **2.2. O contexto comunicativo**

Nesse item, Gomes (2007) elenca a importância do contexto do emissor e do receptor para que a comunicação ocorra levando em conta as condições de tempo e espaço presentes. Analisa a forma como cada telejornal se comunica com os espectadores: qual linguagem, cenário, cores, etc.

Um programa jornalístico sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente (“você, amigo da Rede Globo”, “para o amigo que está chegando em casa agora”, “esta é a principal notícia do dia”, “Agilidade, dinamismo e credibilidade é o que queremos trazer para você”, “você é meu parceiro, nós vamos juntos onde a notícia está”) – ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador (GOMES, 2007).

Para José Luiz Braga (1994, pp. 300-301), o ambiente em torno das notícias pode alterar a forma como elas são recebidas. Para o autor, “uma conversa na televisão se aparentaria a essa situação ‘em cena’ – mas o território que é o estúdio, e o meio de longa distância, impõem outras características” (BRAGA, 1994, 301)

### **2.3. O pacto sobre o papel do jornalista**

Neste ponto, cabe elencar os pactos entre telejornais e telespectadores. Os motivos que fazem as pessoas escolherem, entre a imensa gama de telejornais disponíveis, qual elas irão acompanhar.

O telejornal se direciona a determinado público através da forma como apresenta o seu conteúdo. Ele estabelece com os espectadores acordo sobre a perspectiva editorial dos assuntos que vão ser levados ao ar em suas edições. Esse pacto é delimitador dos tipos de informações que o público deve esperar encontrar no programa.

Para Gomes (2007), é fundamental compreender como o programa trata temas importantes.

Como o programa atualiza as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social de certo tipo, em outras palavras, como lida com as noções de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como lida com as ideias de verdade, pertinência e relevância da notícia, com quais valores-notícia de referência opera.

O modo como as emissoras utilizam novas tecnologias para complementar as informações deve também ser analisado.

## **2.4. Organização temática**

A organização temática consiste na forma como o telejornal é organizado. Editorias parecidas são aproximadas para prender o telespectador por mais tempo. A figura do mediador é muito importante para isso, ele que conduz o público pelas diversas editorias.

Para a pesquisadora Itania Gomes: “a arquitetura dessa organização implica, por parte do programa, a aposta em certos interesses e competências do telespectador” (GOMES, 2007, p. 20).

Em casos de grande emoção, sejam elas alegres ou tristes, a arquitetura organizacional dos telejornais sofre grandes alterações. Especialmente em casos de grandes tragédias. Muitas vezes, o programa dedica todos os seus blocos para essa notícia. Ou então intercala notícias já programadas com entradas ao vivo de repórteres no local das tragédias trazendo novas informações do caso.

### **3. Os fazedores de sonho**

A história do telejornalismo brasileiro anda de mãos dadas com as tragédias que assolaram o país. Seja com tragédias de ordem natural, como secas e desabamentos. Com quedas de aviões, como o da Chapecoense ou o dos Mamonas Assassinas. Com mortes de famosos jovens, como Cazusa e Renato Russo. Ou com acidentes como o de Senna. Dentro desses contextos, os mediadores dos telejornais levam emoção e informações aos telespectadores. Dentro do contexto da Globo, como a maior emissora de televisão do país, pessoas de todas as classes acompanham seus programas. Seus telejornais são considerados por muitos como uma fonte de informação confiável. Alguns de seus mediadores são considerados personagens da cultura brasileira. O “boa noite” de William Bonner, a potente voz de Cid Moreira, a familiar e emblemática voz de Galvão Bueno, são partes constituintes do folclore brasileiro. Para fins metodológicos, alguns mediadores foram selecionados, levando em conta sua importância histórica ou protagonismo no caso específico. Foi analisada a programação dos telejornais: Jornal Nacional, Fantástico, Jornal Hoje, Globo Esporte, Esporte Espetacular e Jornal da Globo, além dos programas especiais, dos plantões e dos programas de entretenimento, como o Domingão do Faustão. As amostras analisadas foram ao ar no dia ou nas semanas próximas ao acidente, terminando com as coberturas dos velórios.

### **4. Fala, Galvão!**

Carlos Eduardo dos Santos Galvão Bueno, conhecido apenas por Galvão Bueno, tem uma das vozes mais conhecidas do Brasil. Pela Globo, cobriu inúmeras Copas do Mundo de Futebol, Olimpíadas, temporadas da Fórmula1, entre outras conquistas do esporte brasileiro pelo mundo. De Gustavo Kuerten a Popó. De Senna a Ronaldo. Criador de bordões fez diversas gerações sonharem. Mas coube a ele cobrir as duas maiores tragédias

do esporte brasileiro: a morte de Ayrton Senna, que também era seu amigo; e a queda do avião da Chapecoense, onde também perdeu amigos pessoais.

“Senna bateu forte”. Foi essa a reação de Galvão no momento em que Ayrton Senna passou reto na curva Tamburello e bateu. Bueno narrava à corrida de Ímola naquele primeiro de maio de 1994. O narrador estava acompanhado por Reginaldo Leme, como comentarista, e Roberto Cabrini, como repórter<sup>5</sup>. A preocupação de todos ficou evidente. Os apresentadores ficaram claramente irritados com a demora da equipe médica. No decorrer da corrida, o narrador deixou a cabine várias vezes, deixando a transmissão nas mãos do companheiro Reginaldo Leme. Apesar de neste tipo de cobertura não vermos os narradores e comentaristas, apenas pelo tom de voz de ambos, percebia-se a seriedade do acidente e o tamanho da preocupação deles.

No amanhecer do dia da queda do avião da Chapecoense, Galvão já estava no “Bom dia Brasil” junto com os apresentadores Rodrigo Bocardi, Luis Ernesto Lacombe, Chico Pinheiro e Ana Paula Araujo<sup>6</sup>. O programa que, normalmente, é apresentado no Rio de Janeiro foi transmitido o tempo todo em dois estúdios. Bocardi e Galvão estavam em São Paulo e apareciam no telão para os demais apresentadores. Todos se encontravam em pé e com o semblante sério, atenções voltadas para Galvão Bueno, que mesclava opiniões, como o pedido para que todos os jogos de futebol fossem adiados para o ano seguinte, com informações, principalmente em relação aos nomes das pessoas que estavam no avião. No estúdio de São Paulo também estavam presentes o prefeito da cidade de Chapecó, Luciano Buligon, e Plínio David de Nes Filho, presidente do Conselho Deliberativo da Chapecoense, ambos estavam na lista de passageiros do voo, mas não

---

<sup>5</sup> Por opção metodológica apenas Galvão Bueno será analisado neste momento.

<sup>6</sup> Por opção metodológica apenas Galvão Bueno será analisado.

havam embarcado. Os dois, assim como os jornalistas, estavam em pé demonstrando urgência em conseguir novas informações.

Galvão Bueno, por ser muito amigo de Ayrton Senna, foi retirado dos jornais, retornando apenas no dia seguinte fazendo uma emocionada participação durante o Jornal Nacional. Onde aparece sentado com uma imagem do carro e um retrato do piloto brasileiro transparente como se fosse uma imagem se desfazendo. Bueno falou por 50 segundos um texto simples, carregado de emoção, e terminou com um abaixar de cabeça demonstrando pesar. “Vai com Deus, meu irmão”, foi a frase que utilizou para terminar sua aparição.

A transmissão continuou com um vídeo feito no autódromo de Interlagos vazio, sempre buscando tons cinza, no final um poema de Affonso Romano de Santana embalado pelo tema da vitória, música característica tocada nas vitórias de Ayrton e, posteriormente, nas vitórias dos outros brasileiros. O repórter, durante muito tempo, teve suas emoções censuradas. O repórter que se emociona no ar fica à margem do que os manuais de redação ditam. Porém, com as transformações no mundo da comunicação, a inserção de relatos humanizados foi sendo evidenciada e o mundo começou a perceber que jornalista também chora, mesmo dentro de uma esfera de jornalismo considerado sério. Com a maioria dos âncoras de jornais sendo ventríloquos<sup>7</sup>, uma figura marcante como Galvão Bueno fazer um discurso pautado na emoção e, por fim, se permitir chorar, se torna um marco do jornalismo brasileiro.

No caso Chapecoense, Galvão foi um dos principais rostos na maior parte das transmissões, fazendo diversas aparições durante a programação da Globo. Coube a ele a

---

<sup>7</sup> Conceito definido por Eliseo Verón. Onde o mediador se comunica apenas pela fala, não tem nenhuma outra expressão corporal.

missão de fazer uma das coberturas mais tristes e difíceis da história da televisão brasileira: a chegada dos corpos dos mortos ao Brasil, o cortejo e o velório das vítimas.

A Arena Condá, lar da Chapecoense, revia seus heróis de uma forma que não esperaria nunca. Galvão levou a transmissão de mais de quatro horas com calma, sensibilidade e respeito. A transmissão foi pautada por longos períodos de silêncio deixando espaço para o luto de todos. O apresentador intercalou os momentos de dar informações; de “narrar” os acontecimentos; e de deixar o silêncio falar por ele. Na chegada dos aviões “Hércules” das forças armadas brasileiras, que carregavam os corpos, Galvão, com a voz claramente embargada, desejou boas vindas e chorou.

O responsável por transmitir tantas alegrias ao povo brasileiro foi pego de surpresa por duas grandes tragédias, mas com toda sua experiência, soube se apropriar do momento e acalantar um pouco os corações de tantos brasileiros que choravam nesses momentos.

## **5. Livia Laranjeira X Roberto Cabrini**

A única equipe brasileira que estava na Colômbia antes do acidente era a do Sportv, com a jornalista Livia Laranjeira. Repórter considerada, até então, do segundo escalão do canal, teve um grande desafio e soube manter a calma. Durante a madrugada toda, manteve o país informado. Livia, sempre serena em frente às câmeras, teve o cuidado de não dar informações precipitadas. Enquanto rumores de mortos ou sobreviventes surgiam, ela se manteve austera e só confirmava as informações quando tinha certeza. Diante da informação de que um último sobrevivente havia sido encontrado mesmo após as buscas serem encerradas, esperou até a chegada do jogador Neto ao hospital para confirmar que havia mais um sobrevivente.



Roberto Cabrini já era um nome conhecido no telejornalismo brasileiro quando teve a difícil missão de cobrir a morte de Senna. Cabrini era repórter de pista na Fórmula 1, portanto tinha contato direto com equipes, pilotos e organização. Após o acidente, teve que se desdobrar para manter as informações sobre a corrida e, ainda, conseguir informações sobre o estado de saúde do piloto brasileiro. Mais tarde, coube a Cabrini entrar ao vivo, às 13h55 da tarde, por telefone, para dar a notícia da morte de Ayrton Senna. O ruído na ligação era muito grande, por isso Cabrini escolheu dar a informação de forma clara e simples e ainda repetiu por quatro vezes a frase: “Morreu Ayrton Senna da Silva”. Na primeira vez que falou, o repórter citou a médica e o hospital onde o piloto se encontrava. E na última, deixou a voz vacilar para dizer: “Uma notícia que a gente nunca gostaria de dar: morreu Ayrton Senna da Silva.”

Dentro do contexto da Formula 1 em que muitas pessoas falam, muitos chefes de equipe, mecânicos e repórteres são fontes, Cabrini mesclou notícias da corrida e do estado de saúde de Senna. Após a corrida no hospital dando boletins, até a fatídica entrada para anunciar a morte de Ayrton Senna. Com a postura séria e rígida que já era sua principal característica, o mediador fez um dos mais dolorosos boletins da história do Brasil.

## **6. Jornal Nacional: Cid Moreira e Sérgio Chapelin X Giuliana Morrone e Heraldo Pereira**

Cid Moreira e Sérgio Chapelin são míticos jornalistas brasileiros, seus nomes são referências para todas as gerações do jornalismo brasileiro. Cid Moreira é a caricatura perfeita de um apresentador que mantém a comunicação com o telespectador apenas pelo olhar. Um estereótipo que o teórico Eliseo Verón (1983) chama de: ventríloquo. Sérgio Chapelin também se enquadra nessa classificação, porém tem um pouco mais de

expressão corporal. A morte de Senna ocorreu em um domingo de manhã. No dia seguinte, a edição do Jornal Nacional cobriu as tratativas sobre o traslado do corpo de Senna e os preparativos para o velório e enterro. Os apresentadores iniciaram o jornal de forma séria com uma escalada mesclada com notícias sobre Senna e demais informações do dia.

O programa de 45 minutos dedicou 30 para tratar de Senna, mesclando reportagens de pessoas desconhecidas falando sobre Senna e, nas demais reportagens, o nome de Senna sempre foi lembrado: seja por políticos ou por Carlos Alberto Parreira, técnico da seleção brasileira de futebol na época.

Vinte e dois anos depois, quem ocupava a bancada do Jornal Nacional quando o avião da Chapecoense caiu eram Heraldo Pereira e Giuliana Morrone. Ambos não eram os principais apresentadores do jornal, mas, especialmente Heraldo tem uma longa carreira no telejornalismo e anos de Jornal Nacional. Os apresentadores assumiram o papel de ventríloquos também, fizeram uma escalada apenas com tópicos referentes ao acidente e ao time da Chapecoense. O programa foi totalmente dedicado à tragédia e nos minutos finais, os jornalistas mortos no acidente foram lembrados. Já no encerramento do jornal, Galvão Bueno somou-se aos apresentadores e a toda a redação. Todos os jornalistas do Jornal Nacional, juntos, saudaram os jornalistas mortos. Uma salva de palmas que se entendeu por mais de um minuto e demonstrou o lado humano do jornalista e deu rosto aos jornalistas por trás dos apresentadores.

Cid Moreira participou da cerimônia de velório da Chapecoense lendo dois trechos da Bíblia com sua voz, sempre, calma e marcante. O jornalista foi o porta-voz das maiores alegrias e tristezas do país por 27 anos, entre 1969 e 1996. Durante esse tempo, milhões de brasileiros aguardaram a voz de Cid Moreira para chorar ou sorrir. Ter sua voz em um

momento tão marcante para os brasileiros como a tragédia da Chapecoense apela ao imaginário do brasileiro e traz um acalento já que aquela voz embalou tantas crises superadas.

## **7. Jornal da Globo: momento cético**

O jornalista William Waack costuma apresentar as notícias de forma mais séria e técnica. No caso da Chapecoense, Wiliam escolheu iniciar o jornal apresentando os dados técnicos do avião e tentando desmistificar a tragédia. Apresentando dados sobre o avião, o tempo de voo, a quantia de combustível e as condições de terreno.

Wiliam Waack deixou um pouco o lado humano para falar das questões técnicas. Mesmo assim, conseguiu ter sensibilidade e falar em pontos que, até então, ninguém tinha falado. O apresentador falou sobre as dificuldades do piloto e da comunicação dele com o controlador do aeroporto colombiano.

O apresentador ficou o tempo todo em pé ao lado do telão, interagindo com o equipamento para mostrar o trajeto do avião. Com o rosto sempre sério e a voz firme. Waack usou diversos termos técnicos, mas se preocupou em explicá-los.

Dentro do “novo jornalismo” que a Globo começou a implementar, com apresentadores interagindo mais com o público e deixando mais claras as suas emoções, o Jornal da Globo se manteve em um modelo mais clássico. Tendo à frente um jornalista reconhecido por sua carreira. Buscando ter um posicionamento pautado na seriedade, muitas vezes fazendo um aprofundamento na notícia, trazendo mais termos técnicos e deixando o lado humano pouco evidenciado.

## 8. Imagens, o cerne da televisão

Outros mediadores importantes e, por vezes, esquecidos são os cinegrafistas. A parte mais importante para o telejornalismo, aquilo que o difere dos outros tipos de jornalismo, é a imagem. Em ambos os casos aqui estudados o ápice cinematográfico, o momento em que as imagens mais belas foram produzidas, foi durante os velórios.

Ayrton Senna recebeu honras militares, tratamento que só é dado a chefes de estado. Os mortos na tragédia da Chapecoense também foram homenageados por militares. Em ambos os casos se via imagens do rosto dos soldados demonstrando a seriedade deles perante a sua tarefa, mas também a tristeza em seus olhos. A Força Aérea Brasileira homenageou Ayrton com voos de caças e desenhando um coração no céu sobre a Assembleia Legislativa de São Paulo, local onde ocorria o velório.

Os mortos da Chapecoense foram trazidos por Hércules, aviões da Força Aérea Brasileira, a cena do pouso dos aviões sobre intensa chuva ficará no hall da cinematografia brasileira para sempre. Assim como a passagem dos fãs pelo caixão de Ayrton.

No acidente da Chapecoense perdemos um dos maiores cinegrafistas do Brasil. Ari Junior. Ari fez coberturas importantíssimas para a história brasileira, principalmente para o esporte brasileiro. Cobriu a escalada do monte Olimpo quando brasileiros foram buscar o fogo Olímpico antes das Olimpíadas de 2016 e o terremoto no Nepal, que matou milhares de pessoas. Ari era capaz de ver coisas que ninguém mais via. Um verdadeiro jornalista. Um verdadeiro cinegrafista. Com a câmera nas mãos, se tornava um pintor e brincava com as cores, reconhecido por criar céus coloridos. Ari é reverenciado por seus pares, que se rendem ao talento que este homem tinha. Nas palavras de Pedro Bassan,

jornalista da Globo: “A gente fica esperando os novos Beatles, o novo Senna, a gente vai ficar esperando onovo Ari. E não vai aparecer.”<sup>8</sup>

## **9. Por fim, a lágrima**

Ayrton Senna morreu no dia primeiro de maio de 1994. O avião da Chapecoense caiu no dia vinte e seis de novembro de 2016. Vinte e dois anos separam as duas tragédias. A mudança tecnológica é óbvia, vemos na cobertura da Chapecoense imagens e áudios com muito mais qualidade do que na de Senna. Porém, a dor transmitida e sentida é a mesma. Muitos profissionais trabalharam nas duas tragédias. Os rostos tristes, o luto de um país que precisa de heróis, as vozes embargadas dos repórteres e o choro. O choro que muitos jornalistas não conseguiram segurar.

## **10. Dona Alaíde e a humanização do jornalismo brasileiro**

Dona Alaíde, mãe do goleiro Danilo morto na tragédia da Chapecoense, emocionou o país ao demonstrar uma força inacreditável. Mesmo perante a uma grande tragédia e a perda do filho, ela nunca se escondeu da imprensa, pelo contrário, procurou muitos jornalistas para falar e dar força a eles. Quando entrevistada pelo repórter Guido Nunes, do SporTV, perguntou como ele estava se sentindo tendo perdido tantos amigos, o repórter foi às lágrimas e dona Alaíde continuou sua caminhada pela Arena Condá, abraçando todos os repórteres ali presentes.

Jornalistas experientes, como Eric Faria, choraram durante o velório na Arena Condá. Ari Peixoto chorou ao anunciar que o corpo de seu colega, de empresa e de trabalho,

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida a reportagem de Glenda Kozlowski, televisionada no Esporte Espetacular do dia 04/12/2016.

Guilherme Marques havia sido reconhecido pelo Instituto Médico Legal da Colômbia. Ari chorou novamente, em outra entrada ao vivo, quando percebeu que seu colega Junior Alves (repórter cinematográfico) estava em lágrimas. O repórter Guido Nunes se entregou às lágrimas ao ser abraçado por dona Alaíde, mãe do goleiro Danilo, morto no acidente. Roberto Cabrini embargou a voz ao anunciar a morte de Senna. Léo Batista e Fausto Silva conseguiram segurar as lágrimas, mas era evidente o quanto estavam sofrendo com a morte de Senna. O experiente narrador Galvão Bueno se permitiu embargar a voz por várias vezes durante a transmissão do velório da Chapecoense e, também, em sua participação no Jornal Nacional para falar da morte de Senna.

O repórter deixando sua armadura de lado e permitindo-se chorar humaniza os fatos, traz o público para mais perto da notícia e faz o jornalismo como tem que ser feito: entre humanos. Novidades técnicas tornam o jornalismo mais frio. Uma notícia é composta por humanos: em seu cerne e em sua raiz. “O universo inteiro é frio. O que importa são as partes quentes.” (HAIG. 2016)

## **11. Considerações Finais:**

Coberturas de tragédias normalmente são levadas pelo lado humano. Não importa a qualidade e quantidade de tecnologia utilizada. Os mediadores sempre serão os principais responsáveis pela qualidade da transmissão. A medida de emoção e profissionalismo que for utilizada fará com que o público sinta a dor, mas seja acalentado por aqueles que levam a informação.

Uma das funções de um velório é fazer com que os vivos fiquem unidos por um tempo para que possam trazer calma e paz uns para os outros, além de homenagear a pessoa que faleceu. Em casos de tragédias nacionais, como as duas aqui estudadas, a transmissão do

velório é de extrema importância, pois faz com que todas as pessoas que sofrem, estejam perto ou longe, possam se sentir um pouco amparadas podendo assim se despedir, mesmo que de forma simbólica, de seu ídolo.

O texto da morte é sempre motivo de discussão entre especialistas, coberturas como as de velório causam estranhamento e muitos as consideram desnecessárias ou sensacionalistas. No caso das duas coberturas aqui estudadas, os programas estudados respeitaram as famílias e os mortos. Homenagens foram feitas. A saudade e a dor foram televisionadas.

## Referências bibliográficas

BASSAN, Pedro. **Pedro Bassan**. Entrevista concedida a Glenda Koslowki para reportagem especial televisionada no Esporte Espetacular dia 04/12/2016.

BIAL, Pedro. Crônica **Morte**. 2006. Acesso em: [https://www.pensador.com/cronica\\_de\\_pedro\\_bial\\_morte/](https://www.pensador.com/cronica_de_pedro_bial_morte/)

BUENO, Carlos; OSTROVSKY, Ingo. **Fala, Galvão**. São Paulo: Globo Livros, 2015.

CASTRO, Ruy. **Flor da Obsessão, Reunião das 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues**. Cia das Letras: São Paulo, 1997, P. 110

EMERIM, Carlida; BRASIL, Antonio. **Coberturas em telejornalismo**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais. Recife: Intercom, 2011.

EMERIM, C.; CAVENAGHI, B. A. Coberturas ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais. In: 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2012, Curitiba (PR). **ANAIS DO 10º SBPJor**. Curitiba (PR): SBPJor e PUC RS, 2012. v. 01.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GOMES, Itania. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: Itania Maria Mota Gomes; JederJanotti Jr. (Org.). **Comunicação e Estudos Culturais**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA\_Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011c, v. 1, p. 29-48.

GOMES, Itania. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, Itania (org.). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, Itania M. M. **Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise.** E-Compós (Brasília), v.8, p.1-31, 2007.

MATT, Haig. **Os Humanos.** São Paulo. Jangada. 2016.

NEGRINI, Michele. **A morte em destaque: reflexões sobre o telejornalismo.** BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-13, 2011.

NEGRINI, Michele. Telejornalismo Em Análise: Considerações Sobre Gênero Televisivo E Modo De Endereçamento. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2016. p. 1-15

Paz, Octavio. *El laberinto de la soledad.* Ediciones Cuadernos Americanos. México, 1950.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** São Paulo: Contexto, 2013.

ROSA, Émellem. **O retrato da morte na TV: a apresentação das imagens da tragédia da Boate Kiss no Jornal Hoje.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pelotas. Curso de Jornalismo.

SILVA, Fernanda Maurício. **A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos.** 2010. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

SILVA, Fernanda Maurício. **Dos telejornais aos programas esportivos: gêneros televisivos e modos de endereçamento.** 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

SILVA, J. M. **Ainda existe o popular?** In: BELTRÃO, LUIZ. (Org.). Folkcomunicação. 1ed. PORTO ALEGRE: EDIPUC, 2001, v. 1, p. 23-32.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WILKER, José. **José Wilker.** Entrevista concedida a Fausto Silva no dia 1º de maio de 1994.